

MST invade fazendas da Suzano no extremo sul da Bahia

publicidade

Ocupações foram as primeiras em massa desde início do 3º governo Lula e vão contra discurso do petista durante a campanha





Ocupação do MST em fazenda de cultivo de eucalipto da produtora de celulose Suzano

PODER360

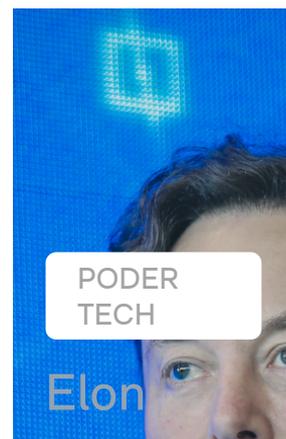
1.mar.2023 (quarta-feira) - 22h20

atualizado: 2.mar.2023 (quinta-feira) - 18h39

O [MST](#) (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) invadiu na 2ª feira (27.fev.2023) 3 fazendas de cultivo de eucalipto da empresa de papel e celulose [Suzano](#), localizadas nos municípios de Teixeira de Freitas, Mucuri e Caravelas, no extremo sul da Bahia.

Além das terras da Suzano, uma 4ª área, da Fazenda Limoeiro, também foi ocupada. O

DESTAQUE S DO PODER



Elon

Musk
confirma
que tirará
sede do
X da
Califórni
a

MST alega que a propriedade está “*abandonada*” há 15 anos. Segundo o movimento, com a invasão, cerca de 1.700 famílias do movimento na Bahia reivindicam a “*desapropriação imediata*” para realizar uma reforma agrária.

alertas grátis do Poder360

concordo com os [termos da LGPD.](#)

Ao todo, foram realizadas 11 ocupações desde o começo do ano. No entanto, esta representa a 1ª ocupação **em massa** realizada pelo movimento desde o início do 3º mandato do presidente [Luiz Inácio Lula da Silva](#) (PT), já que uma única ação envolveu **mais de 1.000 famílias e 4 territórios**.

A ocupação vai contra o discurso do petista durante sua campanha eleitoral em 2022. Na época, o então candidato afirmou que o MST não ocupava áreas produtivas, como as das fazendas da Suzano.

Em [comunicado](#), o movimento afirmou que, “*apesar das expectativas com o governo Lula*



publicidade

em relação à reforma agrária”, os integrantes do MST estão preocupados com a fome, o desemprego e o desmatamento e que acionaram o “alerta amarelo” diante da demora do governo federal em [nomear](#) alguém para a Presidência do [Incra](#) (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

“O MST, ciente da missão em lutar pela reforma agrária e pela justiça social, também reafirma nossa luta contra os desmandos da Empresa Suzano Papel e Celulose em nosso território, e exigimos que arquem com os graves passivos ambientais, sociais e econômicos”, declara a página oficial do movimento, que diz que o ato se trata de uma “denúncia” contra a monocultura de eucalipto na região e o uso de agrotóxicos pela empresa, que vem prejudicando as áreas de agricultura familiar.

No Estado, o MST também ocupou a Fazenda Santa Maria, na região da Chapada Diamantina, durante a Jornada de Luta das Mulheres Sem Terra. Outra ocupação também foi realizada em 18 de fevereiro, no sábado de Carnaval, onde 200 famílias

ocuparam 1 território no regional norte baiano.

Esta não é a 1ª vez que é realizada uma invasão envolvendo o nome da Suzano. Em junho de 2022, indígenas da etnia Pataxó [invadiram](#) a Fazenda Santa Bárbara, que fornecia eucalipto para a empresa. A Suzano é uma das grandes produtoras globais de celulosa a partir do eucalipto.

Ao **Poder360**, a Suzano afirmou que as 3 propriedades foram danificadas e “*invadidas ilegalmente*”. Em nota divulgada pela assessoria da empresa, a produtora de celulose reforçou o seu compromisso para “*manter um diálogo aberto e transparente*”.

Segundo a empresa, a ação do MST viola o direito à propriedade privada e está sujeita à adoção de medidas judiciais para reintegrar a posse das áreas.

Leia a íntegra da nota divulgada pela Suzano:

“A empresa confirma que 3 áreas produtivas de sua propriedade, localizadas nos

municípios de Mucuri, Teixeira de Freitas e Caravelas, no estado da Bahia, foram invadidas e danificadas ilegalmente pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) nesta 2ª feira (27.fev)). Tais atos violam o direito à propriedade privada e estão sujeitos à adoção de medidas judiciais para reintegrar a posse dessas áreas.

“A companhia reitera que cumpre integralmente as legislações ambientais e trabalhistas aplicáveis às áreas em que mantém atividades, tendo como premissas em suas operações o desenvolvimento sustentável e a geração de valor e renda, reforçando assim seu compromisso com as comunidades locais e com o meio ambiente.

“Especificamente no sul da Bahia, a empresa gera aproximadamente 7.000 empregos diretos, mais de 20.000 postos de trabalho indiretos e beneficia cerca de 37.000 pessoas pelo efeito renda, conforme metodologia adotada pela FGV (Fundação Getúlio Vargas) e pela IBÁ (Indústria Brasileira de Árvores).

“Além disso, por meio de seus projetos sociais, programas e iniciativas na região, a

empresa alcançou mais de 52.000 participantes diretos e indiretos, em 82 comunidades e mais 5 sedes municipais.

“Por fim, a companhia reconhece a relevância da sua presença nas áreas onde atua e reforça seu compromisso por manter um diálogo aberto e transparente, de maneira amigável e equilibrada. Também reafirma a confiança nas leis e no estado brasileiro, na busca pela defesa e preservação dos direitos de quem produz, trabalha e, com isso, gera e compartilha valor com toda a sociedade”.

Leia a íntegra nota divulgada pelo MST:

“Na madrugada de 4ª feira (1º.mar.2023), cerca de 120 Mulheres Sem Terra ocuparam a Fazenda Santa Maria, no município de Itaberaba (BA), na região da Chapada Diamantina.

“A fazenda ocupada tem quase 2 mil hectares de terra improdutiva e que a muitos anos estão abandonadas e sem cumprir sua função social.

“A ocupação é a primeira da Jornada Nacional de Luta das Mulheres Sem Terra, que inicia neste mês de março, em mobilização contra o agronegócio, que lucra com a fome e a violência.

“Nossa luta é em defesa ao direito de acesso à terra, a produção de alimentos saudáveis e comida na mesa do povo, pois a fome atinge 30% da população brasileira e 60% estão em situação de insegurança alimentar. Nessa Jornada de Luta das Mulheres Sem Terra denunciaremos também a violência contra a classe trabalhadora, contra indígenas, contra negros e negras”. Afirma Simone Souza, da Direção Estadual do MST.

“Ocupar e resistir

“Nas últimas semanas outros latifúndios foram ocupados no território baiano. Na segunda-feira (27), cerca de 1.700 famílias Sem Terra ocuparam 4 latifúndios, um deles foi a Fazenda Limoeiro, abandonado há 15 anos, localizado no município de Jacobina/BA. E outros três latifúndios de monocultura de eucalipto, pertencentes à empresa Suzano Papel e Celulose,

localizados nos municípios de Teixeira de Freitas, Mucuri e Caravelas.

“Outra ocupação aconteceu no sábado de carnaval (18), onde cerca de 200 famílias ocuparam o perímetro irrigado do Projeto Nilo Coelho, no município de Casa Nova, regional norte baiano. Onde as famílias reivindicam o descumprimento do acordo realizado no ano de 2008 entre a Codevasf, Governo federal, INCRA e MST para assentar 1000 famílias.

“Com as ocupações, as famílias Sem Terra reivindicam a desapropriação imediata dos latifúndios para fins de reforma agrária, tendo em vista que estas propriedades atualmente não estão cumprindo sua função social.

“Ao tempo, denunciam a grande concentração de terras por fazendeiros e empresas do agronegócio na Bahia, e que essa prática contribui diretamente no aumento indiscriminado dos índices de desigualdades sociais, além de impactos ambientais irreversível, provocando um descontrole ambiental com chuvas

torrenciais, enchentes, deslizamentos de terra, secas prolongadas e incêndios devastadores.

“Para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST o modelo de produção baseado na concentração de terra e no monocultivo é insustentável e não gera desenvolvimento. Sua prática causa danos sociais, culturais e ambientais são incalculáveis.

“Para Eliane Oliveira, da direção estadual do MST na Bahia, o território baiano sofre com a destruição sistemática dos recursos naturais, com o envenenamento dos solos e o assoreamento de nossos rios.

“Como contabilizar o custo social das milhares de famílias que foram expulsas de suas terras e hoje vivem na vulnerabilidade social das periferias das cidades, nas encostas e nas margens das estradas? Como justificar o fato de termos as maiores taxas de concentração fundiária do país, e com eles graves índices de desigualdade social?”, questionou Eliane.

“Nos últimos anos, as famílias agricultoras foram muito afetadas com a paralisação da reforma agrária, a destruição de políticas públicas e a instrumentalização do INCRA.

“A expectativa das famílias Sem Terra é que o INCRA seja recuperado e que execute sua verdadeira missão. E esperam que o Governo:

“- Retome os processos de desapropriação das áreas negociadas e acordadas desde 2007, para fins de reforma agrária nos perímetro irrigados e nas áreas das empresas da celulose;

“- Retome as políticas nacionais de infraestrutura nos assentamentos, possibilitando o acesso à água potável e de irrigação, estradas, energia elétrica e habitação;

“- Inicie a construção de escolas no campo e fortaleça o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – Pronera.”